

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**THALISIE CRISTINE PUTRIQUE**

**AS QUESTÕES DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA  
INFANTIL**

**CURITIBA**

**2017**

THALISIE CRISTINE PUTRIQUE

**AS QUESTÕES DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do grau de licenciado em  
Pedagogia, no Curso de Pedagogia,  
Setor de Educação, da Universidade  
Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Lennita Oliveira Ruggi

CURITIBA

2017

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Gilson e minha mãe Áurea que estiveram comigo em todos os momentos, acompanhando minhas angústias e alegrias e me dando todo o suporte durante esses 5 anos, sou grata por todos os momentos que temos juntos.

Aos meus familiares: meu irmão Matheus, que sempre vem com suas dúvidas esperando que eu as tire; minha avó Nenê, por todos os chás de camomila nos meus momentos de desespero; meu primo/irmão Renan, adolescente com alma de criança; minha prima/irmã Hanna, por todas as conversas e experiências trocadas durante esses anos; meu tio Sérgio, por toda sua sinceridade e sua capacidade de argumentação; a minha tia Evelin, que abriu todas as portas para mim durante esses anos, que me faz acreditar na Educação e que me mostrou que amar o que faz te leva longe; e por fim aquele que me inspira e que vou levar para o resto da vida meu avô Chico (*in memoriam*) que me viu todos os dias brincando de ser professora e que hoje em outro plano pode me ver realizando esse sonho.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo, me ouviram, aconselharam e me divertiram, tirando muitas vezes a pressão da Universidade das minhas costas.

As amigas que fiz nesses 5 anos dentro de curso, que dividiram comigo os trabalhos em grupo, os choros, os medos mas também todos os momentos felizes.

A minha orientadora Lennita, que há 3 anos atrás em sua aula me inspirou a saber mais sobre as relações de gênero e étnico-raciais e que me orientou durante esse ano com muita paciência e dedicação, percebendo minhas angústias e dificuldades e me tranquilizando.

E por fim a Deus, aquele que sempre me amparou nas vitórias e derrotas. A Ele toda Honra e toda Glória.

*“A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história”.*

*Chimamanda Adichie*

## RESUMO

Partindo do princípio que através da literatura infantil podemos mostrar para as crianças diferentes perspectivas e questões, como as de gênero e étnico-raciais, buscou-se analisar como os livros disponíveis na biblioteca de um Centro de Educação Infantil (CEI) abordam estas questões. Para isso foi considerado nos livros como os personagens femininos e masculinos estavam representados, incluindo os personagens antropomorfizados, e as relações amorosas mostradas em alguns livros. Além das questões de gênero, foram também analisados personagens negros e indígenas das histórias, como estes estão inseridos no enredo. Pode-se constatar que os livros trazem personagens femininos de maneira estereotipada, até mesmo os personagens antropomorfizados apresentam estas características, além disso, as relações amorosas nos livros são representadas exclusivamente por casais heterossexuais, brancos e de classe social alta. Os personagens negros e indígenas aparecem nos livros de maneira coadjuvante, sem falas e de maneira superficial e, em alguns casos, preconceituosa. Foi possível perceber que de modo geral os livros apresentam muitos estereótipos em relação as mulheres, relações amorosas, negros e indígenas.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Relações de Gênero. Relações étnico-raciais.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
2.	<b>CAPÍTULO I: METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
3.	<b>CAPÍTULO II: LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>13</b>
4.	<b>CAPÍTULO III: LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>18</b>
	I. Personagens antropomorfizados na literatura infantil.....	27
	II. As relações amorosas na literatura infantil.....	28
5.	<b>CAPÍTULO IV: LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....</b>	<b>33</b>
	I. Branquitude na literatura infantil.....	40
6.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
7.	<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>
8.	<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura permite que as pessoas mostrem através do que se está lendo suas visões de mundo. Na educação infantil, o professor mostra suas visões para crianças através dos livros de literatura infantil escolhidos para leitura. Além de pensar no professor que imprime para as crianças seus conhecimentos, interpretações e perspectivas, penso também a maneira que o livro é produzido, com seus autores, editores e ilustradores que transmitem suas visões de mundo através de seus trabalhos.

Silveira (1997) destaca que a partir da década de 70 houve no Brasil uma virada temática, onde autores de literatura infantil começaram a pensar nos livros como uma forma de explorar o “pensamento crítico” da criança, valorizando suas emoções e colocando-as como protagonistas. Através da literatura infantil podemos apresentar para a criança as questões de gênero, étnico-raciais e sociais

Considerando gênero como construção social, a literatura infantil vem sendo um facilitador para que se trabalhe como os personagens masculinos e femininos, negros, indígenas, animais, estão sendo retratados. Nas relações raciais percebe-se a mulher negra como coadjuvante, e os personagens masculinos negros, quando retratados, o são de maneira diferente do personagem masculino branco.

Assim, este trabalho tem como finalidade investigar de que maneira as relações de gênero e étnico-raciais estão representadas na literatura infantil com a análise de um conjunto de obras de literatura infantil publicadas, que trazem as questões de gênero e étnico-raciais direta e indiretamente. Nestas obras foram investigados como as questões de gênero estão inseridas, se há diversidade étnico-racial, de que maneira são construídos personagens masculinos e femininos e como as relações de poder estão representadas, além disso, foram também consideradas as ilustrações.

O texto irá se organizar em quatro eixos que estão divididos em quatro capítulos, sendo:

- Capítulo I: Metodologia, onde será mostrado como se deu a análise dos livros selecionados, de que maneira a ficha de perguntas foi elaborada, as dificuldades e desafios encontrados durante a análise;

- Capítulo II: Literatura infantil, no qual serão apresentadas as referências teóricas, e como se entende hoje a literatura infantil;

- Capítulo III: Relações de gênero nos livros de literatura infantil, onde será apresentado como e quando as questões de gênero começaram a ser discutidas politicamente, de que maneira elas estão inseridas na realidade da escola através dos livros de literatura disponíveis, bem como a representação de relações amorosas;

- Capítulo IV: Relações étnico-raciais nos livros de literatura infantil, no qual será apresentado como as relações étnico-raciais estão representadas nos livros analisados.

## 2. CAPÍTULO I – METODOLOGIA

A literatura infantil nos traz vários artefatos que contestam ou não a cultura em que estamos inseridos. Ela vem como intermédio para tratar sobre algumas questões que são importantes para discutir com as crianças, como gênero e questões étnico-raciais, sabendo que:

[...] a escola e a família, entre outros espaços de nossa cultura, vêm educando nossas crianças, os livros de literatura infantil e infanto-juvenil podem ser reconhecidos como artefatos que também educam. Tal intersecção entre espaços e artefatos permite que nos questionemos sobre as relações possíveis entre múltiplas infâncias e a literatura infantil disponível na contemporaneidade. (VIDAL, 2010, p. 29)

Assim foi feita uma coleta de livros para que fossem analisados a partir de algumas questões que procuram saber como são os livros de literatura infantil que estão sendo ofertados para as crianças, como são os personagens destes livros, os estereótipos destes, suas temáticas, etc.

Os livros analisados na pesquisa fazem parte do acervo de um Centro de Educação Infantil (CEI), conveniado com a prefeitura, localizado na região leste de Curitiba. Foram analisados 40 livros deste acervo do CEI para que além dos dados qualitativos possam também ser apresentados os dados quantitativos.

Para que fosse feita a análise dos livros encontrados na biblioteca da escola, foi elaborada uma ficha de perguntas, que consistiu em questões que pudessem ser respondidas independentes dos livros selecionados. Abaixo apresentaremos como as diferentes questões teóricas orientaram a elaboração da coleta de dados. A ficha completa pode ser consultada no Anexo I.

Pires (2009) vem como referencial para algumas questões que consistem em indagar sobre as relações amorosas dos personagens dos livros e na presença do final “felizes para sempre”. Em muitos livros de conto de fadas as relações amorosas são colocadas como soluções dos problemas.

Uma das características do amor romântico é o poder a ele atribuído de ser capaz de resolver problemas e superar todas as dificuldades que os casais venham a ter ou passar. No discurso do amor

romântico, esse sentimento é capaz de transpor barreiras e solucionar dificuldades de qualquer ordem. (PIRES, 2009, p. 8)

<ul style="list-style-type: none"> <li>Os personagens do livro apresentam relações amorosas</li> </ul> <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim. Descrever casal _____
<ul style="list-style-type: none"> <li>O “Feliz para sempre” é representado no livro</li> </ul> <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
<ul style="list-style-type: none"> <li>De que maneira esta representado</li> </ul>

As questões relativas a gênero foram inspiradas no teste de Bechdel, criado por Alison Bechdel, cartunista que começou a avaliar como os filmes de Hollywood representavam as mulheres utilizando três regras: ter duas personagens com nome; uma cena ao menos em que estas personagens conversam entre si e a conversa não girar em torno de um homem. Assim, analisarei a quantidade de mulheres que estão presentes nos livros de literatura infantil, de que maneira estas personagens estão representadas e se estas mulheres se conversam ao decorrer do livro.

<ul style="list-style-type: none"> <li>Quantas personagens femininas estão presentes no livro</li> </ul> <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3-5 <input type="checkbox"/> 6-8 <input type="checkbox"/> 9 ou mais
<ul style="list-style-type: none"> <li>Como as personagens femininas estão representadas no livro</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>As personagens femininas conversam uma com a outra ao longo do livro</li> </ul>

Um aspecto que é essencial ressaltar é o significado desta representação não apenas do feminino que está no livro, mas também dos personagens negros e indígenas. Júnior (2009) mostra como este conceito de representação se enraíza e faz vermos um personagem negro, índio, de uma maneira única:

O risco inicial, nas análises de etnicidade nas imagens, advém da constituição do que se convencionou chamar de “fardo da representação”, uma obra (um filme, por exemplo) é analisada em

função de algum aspecto que possui, um signo usado geralmente como marcador de uma dada comunidade étnica, passando a própria imagem a ser necessariamente interpretada como representante dessa comunidade. (Júnior, 2009, p. 2)

Percebem-se como os personagens de etnias sub-representadas não são vistos como individualidades e acabam representando a comunidade negra ou indígena de uma maneira geral, “tem sua individualidade pensada exclusivamente como um aspecto da identidade étnica que representa” (JÚNIOR, 2009).

Um aspecto a ressaltar na ficha de perguntas diz respeito, portanto, aos preconceitos e estereótipos que se legitimam, problematizam e contestam através da literatura.

Uma grande dificuldade foi encontrar nestas narrativas os preconceitos e estereótipos presentes. Grande parte dos livros de literatura infantil analisados expõe os estereótipos e preconceitos de maneira indireta, em pequenos detalhes que muitas vezes passam despercebidos.

Pensando nos personagens principais, coadjuvantes e vilões foi elaborado uma tabela para que fossem indicadas as características e o papel destes personagens na história.

	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>

Traço marcante \_\_\_\_\_

Outro aspecto importante para a formulação da ficha de coleta de dados foi pensar nos autores e ilustradores destas obras e inserir perguntas que pudessem mostrar os posicionamentos destas pessoas. A maneira como o livro é produzido, todos os seus processos, passam por estes autores, editores

e ilustradores que são adultos imprimindo suas visões nos livros que produzem.

• Título
• Ano de publicação
• Se não for brasileiro; país de origem:
• Editora
• Autor/a
• Ilustrador/a
• Há identificação étnico-racial ou política de quem escreve e/ou ilustra  <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim. Como (foto / declaração escrita) _____

Na análise dos livros da biblioteca do CEI a principal dificuldade encontrada foi acerca dos autores e ilustradores dos livros de literatura infantil. Os livros das coleções de princesas e contos de fada em sua grande maioria não apresentam informações sobre autores e ilustradores. Muitas vezes o que se encontra é apenas o nome do autor, mas não apresenta sua trajetória, suas visões políticas e nem fotos destes autores e ilustradores.

Os ilustradores dos livros pesquisados na maioria das vezes não são colocados nos livros, o que acaba dificultando a análise, pois muitas ilustrações mostram as visões que este apresenta e seria importante sabermos quais são suas visões políticas, sua origem, etc. para podermos entender de maneira ampla suas ilustrações.

### 3. CAPÍTULO II – LITERATURA INFANTIL

Os livros de literatura infantil começaram a serem produzidos a partir do século XVII, antes disso, livros não eram escritos para crianças. Peres, Marinheiro e Moura (2012) dizem que:

Foi com o advento de uma nova classe social, a burguesia e a valorização de um modelo familiar burguês onde a criança ganha um enfoque de reprodução da classe, por isso um interesse maior na sua educação e na transmissão de valores burgueses. (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p. 2)

A literatura então vem com o objetivo de transmitir valores familiares, “centrado na valorização da vida doméstica, fundada no casamento e na educação de herdeiros” (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p. 2). Paço (2009) em sua monografia mostra que:

A literatura infantil desde a origem sempre foi ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças, acreditava-se que seu conteúdo deveria ser adequado ao nível da compreensão e interesse desse peculiar destinatário. Como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações ou da minimização de textos escritos para os adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima do que eles consideravam possível para a compreensão infantil; retiradas as situações de conflitos não exemplares e realçando principalmente as ações em peripécias de caráter aventuroso ou exemplar, as obras literárias eram reduzidas em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo; atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar ao nível do real ou do maravilhoso. (PAÇO, 2009, p. 13)

Atualmente o livro de literatura infantil é um material muito presente na rotina das crianças na educação infantil. A partir dele, questões como as de gênero e étnico-raciais podem ser discutidas com as crianças.

Além de a literatura infantil ser vista como uma forma de distração é também vista como uma forma de apresentar, através dos livros, questões sociais, de gênero e étnico-raciais. Da mesma maneira que a literatura infantil pode contribuir para a compreensão das questões de gênero e étnicas, pode também legitimar preconceitos, estereótipos e relações de poder. Pires (2008) afirma que:

É nas narrativas, entre outros processos, que variados poderes atuam para fixar as identidades dos grupos tanto privilegiados como desprivilegiados, embora seja também nas narrativas que esses grupos podem afirmar identidades diferentes daquelas descritas pelas narrativas hegemônicas. Desse modo, as narrativas também contribuem para constituir um mundo onde devemos nos alojar, onde devemos encontrar um lugar. (PIRES, 2008, p. 4)

Para Lajolo (2003), a literatura muda conforme a época, isto é, o que consideramos literatura hoje pode não ser considerado mais daqui alguns anos, se tornando apenas relatos escritos.

A literatura não depende apenas de quem escreve, mas também de quem lê, pois com a leitura será mostrado o olhar da pessoa que está lendo, uma vez que ela interpretará sua leitura de acordo com a sua percepção de mundo e suas vivências.

Abramovich (1983), em sua obra “O estranho mundo que se mostra às crianças”, assegura que as crianças sabem ler criticamente e ter opiniões, percebendo aquilo que gostam e o que não gostam. Entretanto, com as crianças não alfabetizadas, quem lê os livros disponíveis que estão disponíveis na escola é um adulto, que trará para o livro a sua interpretação, sua perspectiva e visão de mundo. De acordo com Paços (2009, p. 18) “a maneira como a leitura será interpretada dependerá do ponto de vista, do momento e do conhecimento de cada pessoa”.

Silveira (1997, p. 149) afirma que “com freqüência, são mães, pais e professoras que escolhem e adquirem os livros infantis”, porém os responsáveis pela escolha dos livros da biblioteca da escola, na maioria das vezes a pedagoga, acabam encontrando dificuldades devido aos valores disponíveis para adquirir os livros de literatura infantil.

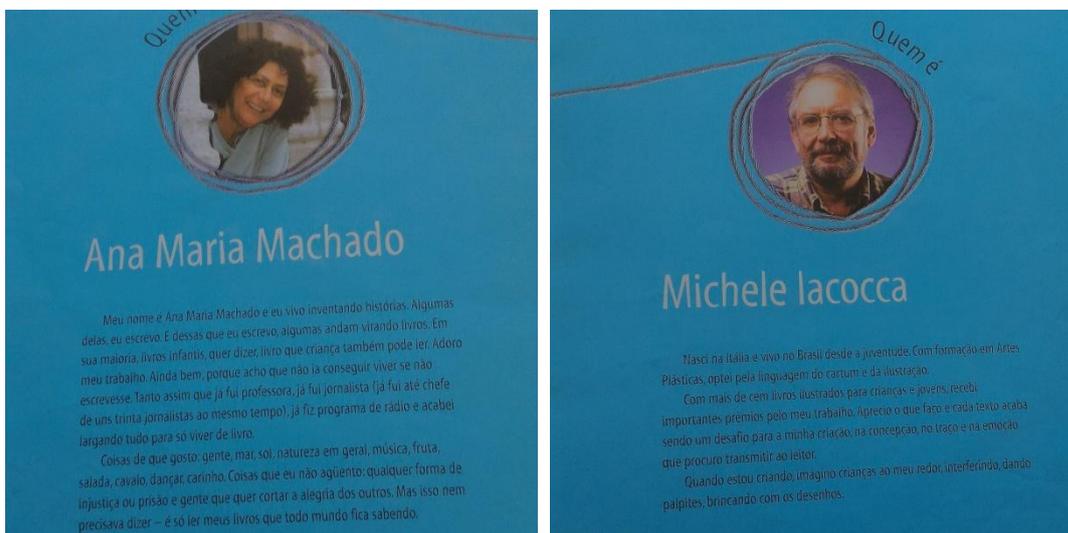
Em conversa informal com a pedagoga do CEI percebe-se como o dinheiro destinado a compra dos livros de literatura interfere na escolha das obras. Os livros disponíveis na biblioteca são escolhidos de acordo com um valor que caiba no orçamento da escola, assim, o conteúdo dos livros acaba não sendo levado em consideração.

Além de pensar em como os livros chegam até as crianças também deve ser pensado naqueles que produzem o livro para que chegue até a escola. Editores, autores, ilustradores são adultos que vão imprimir nos livros que estão produzindo suas visões de mundo. Dos 40 livros que foram analisados cerca de 60% foram escritos por mulheres, 32,5% escritos por homens e 7,5% não apresentam o autor. Com relações aos ilustradores, 32,5% são homens e a mesma porcentagem mulheres, 35% dos livros não apresenta informações sobre ilustradores. Os autores e ilustradores se identificam através de declarações escritas e fotos em 32,5% dos livros, não aparecendo em 67,5% destes livros. Assim é possível perceber que grande parte dos livros de literatura infantil não apresenta as posições sociais e políticas dos seus autores e ilustradores.

Em um dos livros analisados, “O coronel e o barbeiro” (MACHADO, 2003), Ana Maria Machado coloca ao fim um breve relato da sua trajetória profissional e de suas preferências pessoais (Foto 1). Neste mesmo livro o ilustrador da história, Michele Lacocca, tem também seu espaço, onde pode colocar sua trajetória e dizer aquilo que o inspira em suas ilustrações. (Foto 2)

Foto 1 – O coronel e o barbeiro

Foto 2 – O coronel e o barbeiro



Fonte: Thalísie Putrique (2017)

Algo que também devemos considerar importante é que os autores e ilustradores destes livros se aproximem daquilo que estão escrevendo e ilustrando. Em “Há guerra em minha cidade” (SHARAFEDDINE, 2009) (Foto 3),

a autora conta a história de uma menina que vive em um país em guerra e as dificuldades que passa junto da sua família. Ao final do livro é apresentada uma declaração escrita da história da autora (Foto 4), que vivia no Líbano em guerra e que junto com sua família teve que sair de sua casa, várias vezes, assim como a personagem principal de seu livro. Isto faz com que o leitor pense o livro na perspectiva do autor também, sabendo que a história não retrata apenas ficção, mas também as realidades das pessoas que escrevem, ilustram e também leem.

Foto 3 – Há guerra em minha cidade



Fonte: Putrique (2017)

Foto 4 – Há guerra em minha cidade



Fonte: Putrique (2017)

Dessa maneira os autores e ilustradores que aparecem nas obras, através de fotos ou declarações escritas, imprimem nestes livros seus modos

de pensar, suas perspectivas, etc., colocando suas experiências de vida para legitimar sua obra, como no livro de Sharafeddine, ou até mesmo escrevendo histórias que não fazem parte da sua realidade, mas que de certa forma representam muito aquilo que pensa sobre as relações de gênero, sociais, étnico-raciais, mesmo quando esta não é a real intenção de sua história.

#### 4. CAPÍTULO III – GÊNERO E LITERATURA INFANTIL

O feminismo é caracterizado por diversas lutas e preocupações. Inicialmente o movimento lutava pelo reconhecimento das mulheres como cidadãs. Em seu início a maior preocupação do movimento “restringia-se a busca de cidadania para as mulheres, considerá-las cidadãs significava sua inserção no mundo das decisões políticas” (FRANZONI, 2005, p. 24).

Após isso, de acordo com Franzoni, as feministas sufragistas começam a adotar a luta pelo voto das mulheres e pela participação destas nas instâncias públicas decisórias:

[...] com a Revolução Industrial e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, as feministas sufragistas adotaram como bandeira a luta pelo voto feminino e pela participação das mulheres nas instâncias públicas decisórias, travava-se uma batalha na qual o marco principal era o sexo biológico, usado para justificar a exclusão feminina, a ponto de desconsiderar a cidadania das mulheres. (FRANZONI, 2005, p. 24)

No século XX, novos enfoques feministas, norteados por Simone de Beauvoir, passam a discutir a questão que ser mulher é uma construção social:

[...] buscou na fenomenologia existencialista as bases para desconstruir o determinismo biológico que justificava a submissão feminina, afirmando que o “ser mulher” é produto de uma construção social, ou seja, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. (FRANZONI, 2005, p. 25)

Assim no fim da década de 60 e início da década de 70 um grupo de estudiosas começam a utilizar o termo gênero e defender que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres são social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Para Franchetto (1981) as questões colocadas pelo movimento partem do princípio de que a identidade de gênero é culturalmente construída e é com o movimento feminista as mulheres se afirmam como sujeito social.

Louro (1997) em seu livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” expõe que a identidade de gênero está aberta à transformação.

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe... (LOURO, 1997, p. 28)

Pensando então gênero como uma construção social, a análise feita a partir dos livros de literatura infantil pergunta se as mulheres estão sendo representadas nestes livros e de que maneira.

Dentre os 40 livros analisados, aproximadamente 25% deles (10 livros), não apresenta nenhuma personagem feminina, o que significa que parte dos livros que estão sendo disponibilizados para as crianças não tem uma figura feminina devidamente representada. Dos livros em que aparecem mulheres, 30% apresentam uma personagem feminina, 17,5% duas personagens femininas e 22,5% três ou mais personagens.

Apesar de mais da metade dos livros analisados apresentarem personagens femininas, o mais importante é saber como estas mulheres estão sendo representadas nestas obras. Rosemberg (1985) aponta de que maneira as personagens femininas estão colocadas nos livros de literatura infantil:

Da mesma forma que personagens negras, índias, nisseis, judaicas e mestiças de todas as etnias, as mulheres recebem um tratamento equivalente ao de coadjuvante. E mesmo assim, com traços e atributos estereotipadamente marcados. (ROSEMBERG, 1985, p. 89)

Na análise feita dos livros aqui considerados, o que Rosemberg (1985) aponta em sua dissertação é perceptível. Muitas vezes quando a figura feminina esta representada, é de uma maneira estereotipada.

No livro “O lobo voltou” (PENNART, 1951) foi possível observar que as personagens femininas são as únicas que chegam na casa do coelho, o personagem principal, trazendo cestas de comida, dando a entender que são as responsáveis pela comida do encontro. Culturalmente as tarefas



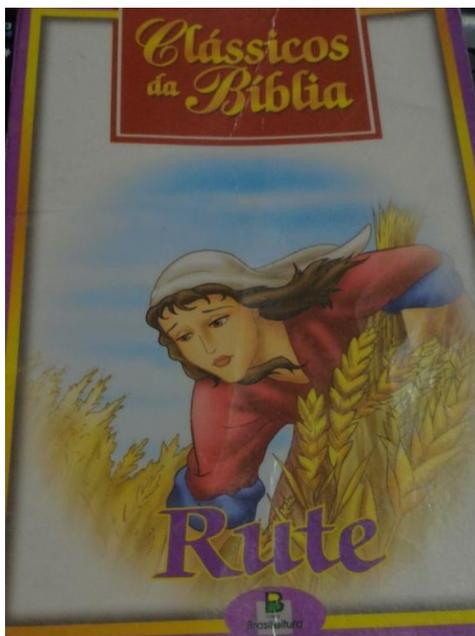
Foto 7 – A curiosidade premiada



Fonte: Putrique (2017)

Os livros bíblicos também estão bastante presentes na escola e mostram também a figura feminina de forma estereotipada. No livro “Clássicos da bíblia: Rute” (MARQUES, S/A<sup>1</sup>) a submissão da mulher é retratada através da personagem principal Rute, que inicialmente é casada com um homem que acaba falecendo. Sendo viúva, ela deve fidelidade à sua sogra. Após um período Rute encontra um homem que faz parte da família do seu marido e acaba trabalhando para ele, porém após algum tempo devido a sua “beleza e bondade” o homem se casa com ela. (Foto 8)

Foto 8 – Clássico da bíblia - Rute

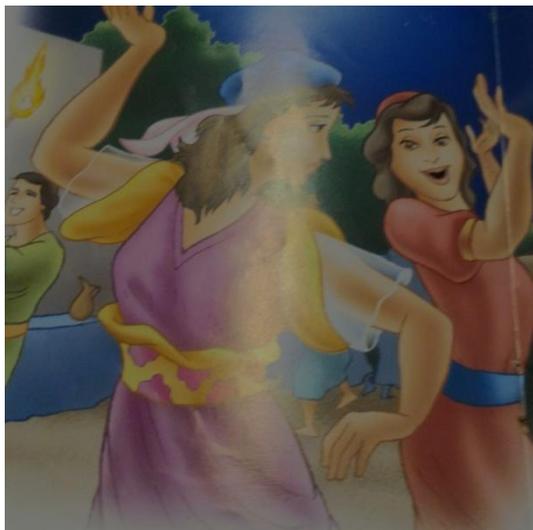


Fonte: Putrique (2017)

<sup>1</sup> A indicação S/A se refere a livros analisados que não apresentam ano de publicação.

Na história, a sogra de Rute instrui a mulher a deitar aos pés do pretendente e pedir proteção, pois assim o homem se solidarizaria com ela e se casaria. Isso mostra como a figura feminina é colocada como submissa e dependente da proteção masculina, pois só assim ela pode e consegue ser bem vista por todos. (Foto 9 e 10)

Foto 9 – Clássicos da bíblia - Rute



Fonte: Putrique (2017)

Foto 10 – Clássicos da bíblia - Rute



Fonte: Putrique (2017)

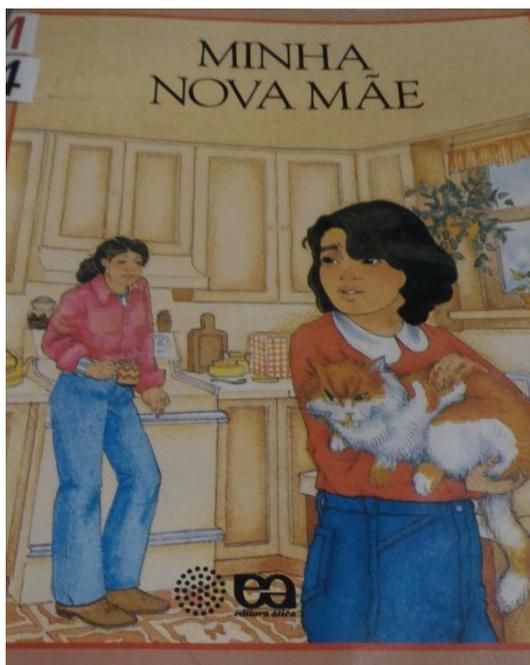
As personagens femininas que aparecem nos livros estão sempre representadas de uma maneira estereotipada de mulher frágil, dócil, que deve ser cuidadosa e bonita. É importante ressaltar que as obras analisadas foram escritas em momentos diferentes. Um texto bíblico é reescrito há anos e quando lido para as crianças deve ter destacado os elementos históricos e

também as dimensões de gênero que envolvam a trama, ampliando o repertório de trabalho que se pode ter com estes livros, trazendo questões atuais que são de extrema importância.

Em um dos livros analisados, “Minha nova mãe” (WRIGHT, 1981), as figuras femininas estão presentes no livro como personagens principais, mostrando a relação entre uma menina e sua madrasta. No início da trama acontece algo frequente que é a rivalidade entre as mulheres. A menina acredita que a madrasta está querendo tomar o lugar que a sua mãe tinha em sua vida e na vida de seu pai. Algo muito interessante no livro, apesar de apresentar a rivalidade feminina, é o fato da trama ter um “final feliz”, onde as duas personagens da história se entendem.

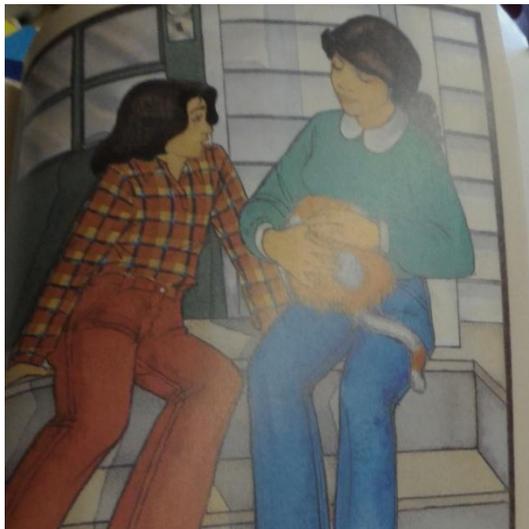
Embora a história traga a rivalidade feminina na trama traz também o diálogo entre essas duas personagens, mostrando que com a conversa poderiam deixar de lado os desentendimentos e se conhecerem realmente. Além disso, esta obra, das 40 analisadas, foi a única que trouxe apenas personagens femininas, que conversam entre si e que não mostradas de maneira estereotipada, como fazendo os afazeres domésticos, ou falando sobre homens. (Foto 11 e 12)

Foto 11 – Minha nova mãe



Fonte: Putrique (2017)

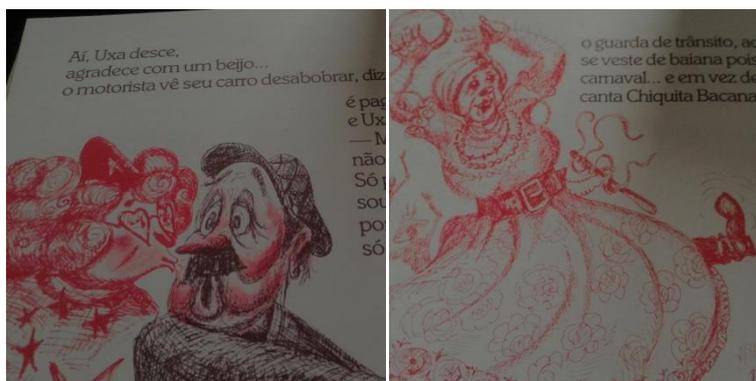
Fotografia 12 – Minha nova mãe



Fonte: Putrique (2017)

Em outro livro analisado “Uxa ora fada, ora bruxa” (ORTHOF, 1985) é possível perceber como a figura feminina é vista na sociedade. A história retrata uma bruxa e uma fada, mas tanto a fada quanto a bruxa são a mesma pessoa. Quando Uxa está na rua, ela vive como uma fada, com vestido, sendo simpática. Quando Uxa está fora de casa a história se assemelha a muitos contos de fadas, onde a princesa está à procura de um príncipe e precisa da ajuda de várias pessoas. Porém quando chega em casa, Uxa se torna uma bruxa, e cai na realidade, onde a vida não tem final feliz, onde o príncipe tem um trabalho comum, ela é uma pessoa comum, porque na verdade ela está cansada desses contos de fadas. Neste livro, Uxa quando é uma fada retrata a maneira como a mulher é vista na sociedade, como aquela que deve sair bem vestida, bondosa e cuidadosa. Já Uxa como bruxa mostra como a mulher “não deve” ser vista, como desleixada, maldosa. No fim mostra muito da realidade da mulher e de como ela não precisa achar uma pessoa para se relacionar amorosamente para ser feliz, ou usar roupas que não se sente confortável, ela deve ser ela mesma. (Foto 13 e 14)

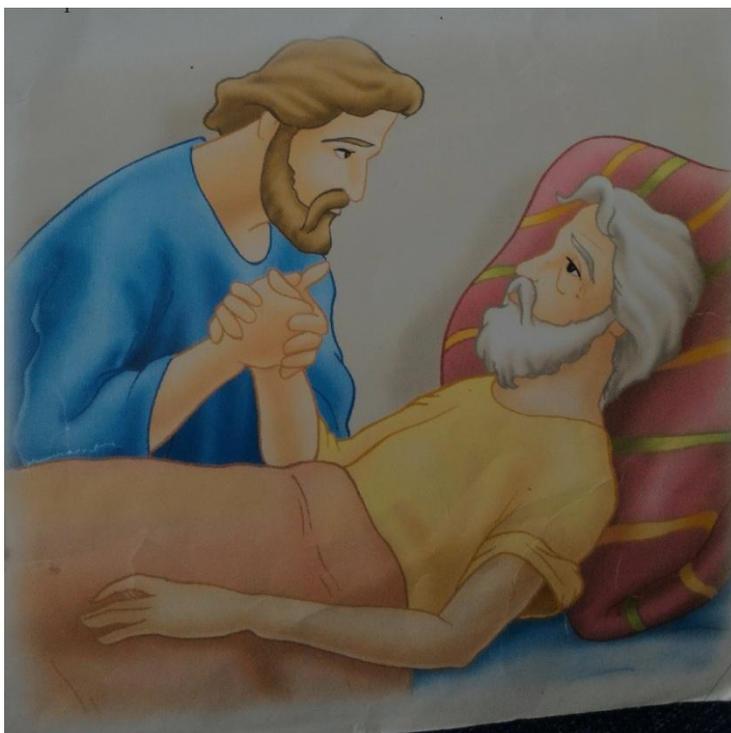
Foto 13 e 14 – Uxa ora fada, ora bruxa



Fonte: Putrique (2017)

Dos personagens principais dos livros analisados 51,4% são femininos e 45,7% masculinos. Destes personagens 82,9% reforçam estereótipos de gênero, onde em grande parte das histórias os personagens principais masculinos são representados como aqueles que são fortes, com uma presença marcante no enredo, como exemplo o livro “Clássicos da bíblia: Salomão” (MARQUES, S/A) onde Salomão, personagem principal é um homem forte, íntegro e que reina no lugar de seu pai. (Foto 15)

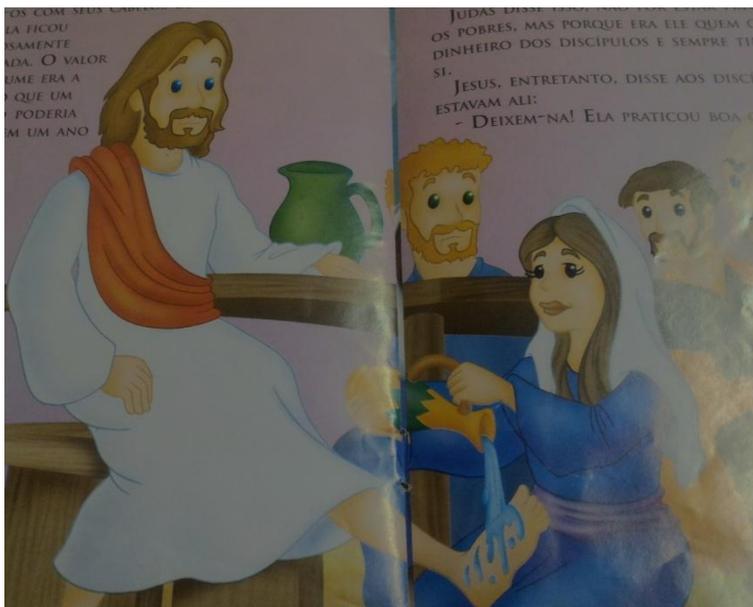
Foto 15 – Clássicos da bíblia: Salomão



Fonte: Putrique (2017)

Já as personagens principais femininas são colocadas nos livros como frágeis, cuidadosas e muitas vezes, principalmente nos contos bíblicos, como submissas. Em “Histórias da bíblia: Maria” (FREITAS, S/A) a personagem é colocada como aquela solteira, que não tinha muito a oferecer à Jesus para lhe agradecer por algumas graças, assim ela derrama perfume nos pés de Jesus e limpa com seus cabelos como agradecimento. (Foto 16)

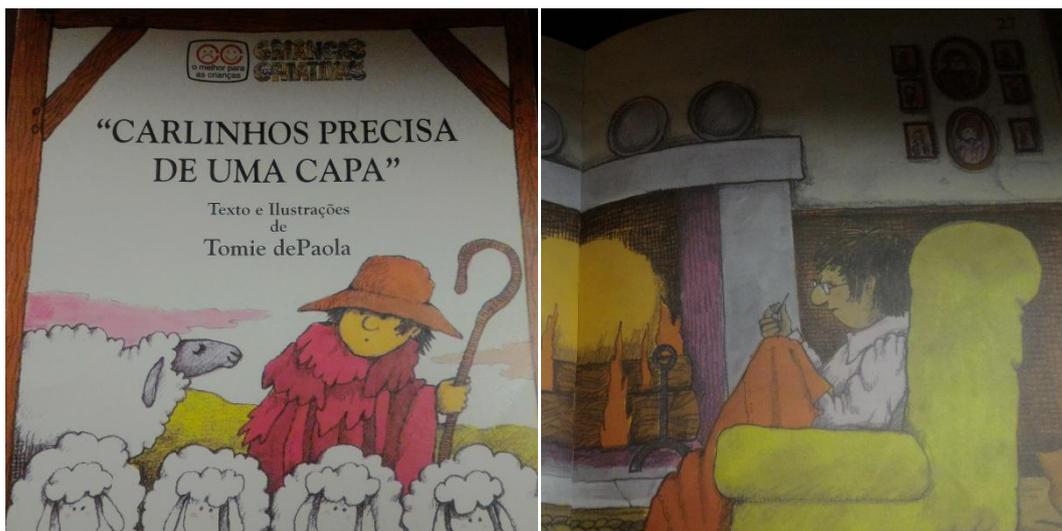
Foto 16 – Histórias da bíblia: Maria



Fonte: Putrique (2017)

No livro “Carlinhos precisa de uma capa” (DEPAOLA, 1998) o personagem principal masculino aparece contestando um estereótipo que está presente nos livros de literatura que é o de um homem que faz afazeres considerados femininos, como a costura. Porém dos livros analisados este é o único que traz o personagem masculino retratado assim. (Foto 17 e 18)

Foto 17 e 18 – Carlinhos precisa de uma capa



Fonte: Putrique (2017)

### I. Personagens antropomorfizados na literatura infantil

Nos livros que apresentam personagens antropomorfizados, são apresentados personagens masculinos e femininos de maneiras estereotipadas. Mostram a figura masculina forte, viril, que não deve ter medo e a figura feminina como aquela fútil e frágil. O livro “O corajoso tubarão” (MELO, 2008) que conta a história de um tubarão não tão corajoso, mas que queria ser igual seu pai, o tubarão mais corajoso do mar. Quando o pai acaba precisando da ajuda do filho ele se torna corajoso e o caçador do grupo (Foto 19).

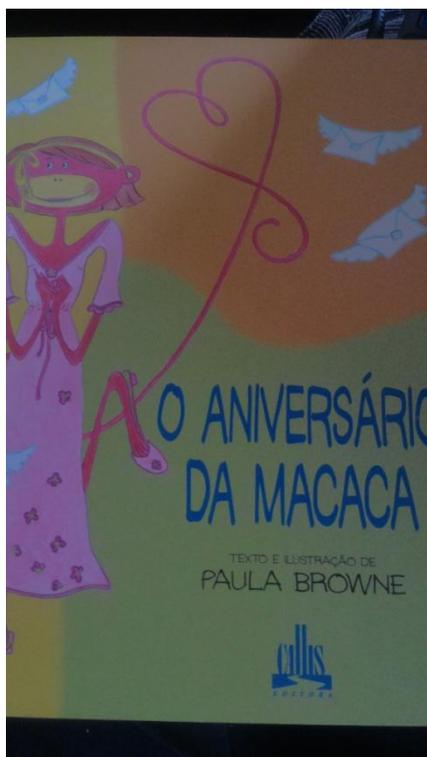
Foto 19 – O corajoso tubarão



Fonte: Putrique (2017)

No livro “O aniversário da macaca” (BROWNE, 2003) a personagem da macaca que tem como característica ser rosa, desastrada, bagunceira e vive com a cabeça em outro mundo. (Foto 20)

Foto 20 – O aniversário da macaca



Fonte: Putrique (2017)

Assim percebe-se que até mesmo estes personagens estão colocados como representantes dos papéis masculinos e femininos, como afirmam Massola e Wortmann (2015) “o modo como se estabelecem nestas obras, distinções entre os lugares ocupados pelos animais machos e fêmeas, que entendemos representarem papéis sociais femininos e masculinos nessas histórias”

## II. As relações amorosas nos livros de literatura infantil

Algo presente nos livros de literatura são as relações amorosas entre os personagens. Nos livros analisados 84,6% (34 livros) não apresentam relações amorosas, porém os 15,4% (6 livros) dos livros que apresentam são

relacionamentos colocados entre personagens heterossexuais, brancos e de alta classe social.

Os livros que apresentam relações amorosas entre os personagens são os livros de contos de fadas, onde a princesa se apaixona pelo príncipe e logo eles se casam.

Em um dos livros analisados, “A pequena sereia” (SEM AUTOR, S/A) o amor romântico é colocado como aquilo que resolve o problema da trama. A história gira em torno da sereia que quer se tornar humana pois se apaixonou e quer se casar com o príncipe, que é humano. No fim da trama ela consegue realizar o sonho de casar com o humano. (Foto 21 e 22)

Fotografia 21 – A pequena sereia



Fonte: Putrique (2017)

A personagem feminina da história se apaixona instantaneamente pelo personagem masculino, Pires (2008) mostra que:

É como se o objeto do apaixonamento fosse mágico, perene e inesperado. Interessante observar que essas características presentes nas obras infanto-juvenis representam, no discurso do amor romântico, o ideário da relação amorosa contemporânea. (Pires, 2008, p. 12)

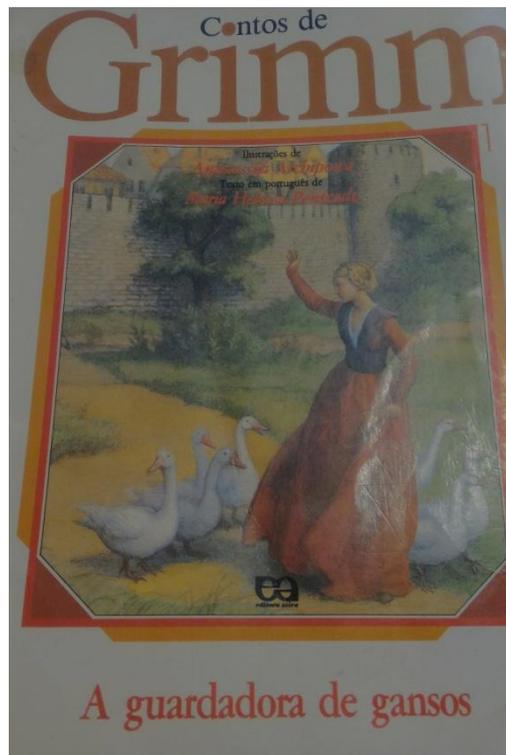
Fotografia 21 – A pequena sereia



Fonte: Putrique (2017)

Em “A guardadora de gansos” (PENTEADO, 1993) o clássico conto de fadas é representado com uma princesa, uma rival (de classe inferior) e o príncipe. O príncipe quando está prestes a se casar com a rival, pensando que esta era uma princesa, acaba descobrindo que a verdadeira princesa estava se passando por uma guardadora de gansos. No momento em que descobre isso volta atrás e se declara apaixonado pela verdadeira princesa. O livro mostra além da rivalidade entre as personagens femininas, também a diferença de classe social, quando no momento em que o príncipe descobre que guardadora de gansos era uma princesa se declara apaixonado. (Foto 22, 23 e 24)

Foto 22 – A guardadora de gansos



Fonte: autor (2017)

Foto 23 e 24 – A guardadora de gansos



Fonte: Putrique (2017)

Assim podemos observar que a maneira que o amor romântico é retratado nos livros de literatura infantil deixa claro que deve ser apenas de maneira heterossexual, resultando em um casamento institucionalizado e que só ele pode trazer felicidade:

A possibilidade de ser feliz sem alguém ao lado definitivamente não faz parte dos discursos em torno do amor romântico na nossa sociedade. Até porque é atribuído(a) ao(à) parceiro(a) a responsabilidade de fazer o(a) outro(a) feliz e acompanhá-lo(a) até a velhice. Enquanto solteira, a pessoa já é vista com um certo estranhamento: aos homens é atribuída a desconfiança da homossexualidade e às mulheres, a probabilidade de serem pessoas difíceis de conviver, com um “gênio ruim” ou uma feiúra repulsiva. (Pires, 2009, p. 92)

Percebe-se que as histórias que colocam o relacionamento amoroso na trama pensam a mulher como aquela que deve ser conquistada, porém o homem da história deve conquistar aquela mulher bonita, dócil, as personagens que saem desse estereotipo de mulher não casam, ou até mesmo é a personagem considerada vilã, feia, brava e que até mesmo não tem uma família na trama.

## 5. CAPÍTULO IV – RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O Brasil, historicamente e legalmente, sempre apresentou uma postura permissiva de discriminação em relação aos povos negros e indígenas. Reconhecendo isso, em 9 de janeiro de 2003 foi aprovada a Lei 10.639 que reconhecia a obrigatoriedade das redes de ensino trabalhar a temática histórica e cultural Afro-Brasileira:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluíra o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Art. 79-B O calendário escolar incluíra o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2003)

Em 2008, com a Lei 11.645, os povos indígenas foram inseridos, assim:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluíra diversos aspectos da história e cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008)

Apesar de a lei garantir que se trabalhem as questões étnico-raciais na escola em nível fundamental e médio, é importante que a educação infantil também aborde as questões raciais para que desde o começo da formação as crianças tenham contato com as histórias e trajetórias dos povos africanos e indígenas.

Na análise dos livros pode-se perceber como os negros e índios estão sendo representados, trazendo na maioria das vezes estes povos retratados de uma maneira que já conhecemos e ouvimos falar, totalmente estereotipada. França (2006) em sua dissertação aponta que apesar da literatura infantil contemporânea apresentar uma imagem mais positiva do negro, os estereótipos ainda estão presentes na literatura. Cavalleiro (1999) nos mostra que:

Numa sociedade como a brasileira, na qual predomina uma visão preconceituosa, historicamente construída a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. Isso leva a supor que uma imagem desvalorativa de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos, possa ser interiorizada, no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. (CAVALLEIRO, 1999, p.40)

Dos livros analisados, cerca de 60% dos personagens principais são identificados como brancos e 28,6% como negros.

Em dos livros “Por que economizar água” (GREEN, 2004) o personagem principal é negro. Além dele, aparecem no livro também sua família, todos negros. Porém a narrativa da história mostra o personagem como aquele que não tem conhecimento e precisa da ajuda de uma mulher branca para lhe dar informações. Mesmo sendo ilustrada a figura do pai, mãe e irmã, estes personagens não apresentam interação, não trazendo nada para a história. A personagem branca pode ser até mesmo colocada também como a personagem principal, pois o enredo se desenrola por meio dela. Ela entra na história trazendo vários conhecimentos de como se pode economizar água para o personagem negro, que é aquele que não sabe como fazer (Foto 25 e

26). Arboleya (2008) afirma como muitas vezes a história e os personagens podem reforçar os estereótipos:

Muitos aspectos que, no contexto da obra, parecem soar como inocentes recursos textuais e estilísticos podem atuar no sentido de reforçar preconceitos a partir da forma como cada personagem é descrito, isto é, a forma como a sua construção adjetiva se torna um valor positivo ou negativo na construção da identidade do leitor. A descrição pode endossar ideologias de branqueamento, de superioridade de uma raça ou cultura ou da própria negação de uma identidade étnica em função da construção de outra, considerada superior, neste caso, o discurso do elemento branco europeu e cristão. (ARBOLEYA, 2008, p.5)

Foto 25 – Por que economizar água?



Fonte: Putrique (2017)

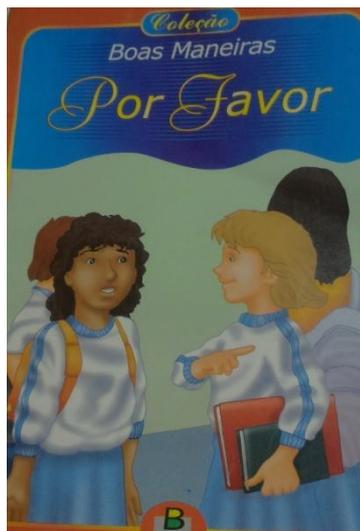
Foto 26 – Por que economizar água?



Fonte: Putrique (2017)

Em alguns dos livros analisados há personagens negras nas ilustrações, porém não apresentam importância na história, é o que acontece no livro “Boas maneiras: Por favor” (MARQUES e CHICONATO, S/A). Esta obra traz uma personagem negra, através da ilustração, mas não oferece fala a esta personagem, ela apenas escuta o que a amiga, branca, fala. (Foto 27 e 28)

Foto 27 – Boas maneiras: Por favor



Fonte: Putrique (2017)

Fotografia 28 – Boas maneiras – Por favor



Fonte: Putrique (2017)

Isto confirma o argumento de Rosemberg (1985) em sua tese, onde a autora mostra quem e como os autores de literatura infantil colocam seus personagens principais nas histórias:

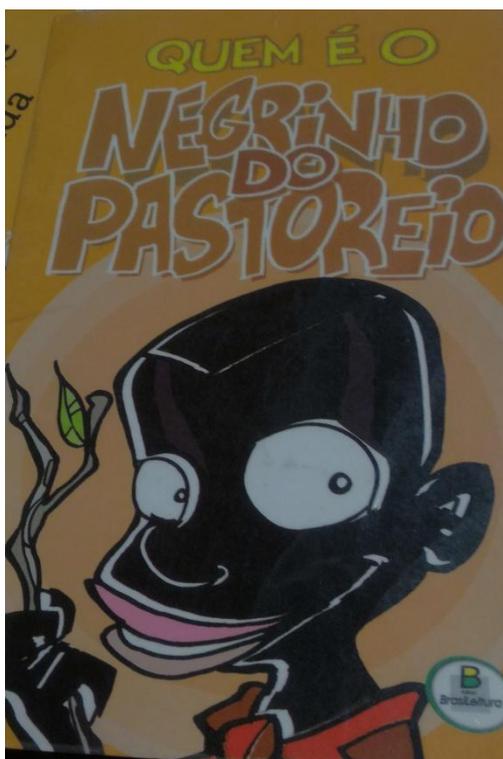
O homem branco adulto proveniente dos estratos médios e superiores da população é o representante da espécie, o mais freqüente nas estórias, aquele que recebe um nome próprio, aquele

que se reveste da condição de normal. No texto e na ilustração, sua frequência de aparecimento é acintosamente superior à dos demais personagens assumindo desproporção fantástica. (ROSEMBERG, 1985, p.77)

Em “Quem é o negrinho do pastoreio” (FINZETTO, S/A) podemos identificar como a história do negro é, na grande maioria das vezes, retratada na escola. A figura do negro como escravo, onde tem um homem branco que é seu dono (Foto 29). Gouvêa (2005) em sua pesquisa relata que:

Nos textos pesquisados, produzidos entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatavam o período escravocrata [...] (GOUVÊA, 2005, p.84)

Fotografia 29 – Quem é o negrinho do pastoreio



Fonte: Putrique (2017)

O que se percebe em todos os livros que apresentam personagens negros, como principais ou coadjuvantes, é a forma que eles estão colocados nestas histórias, onde não têm falas, sendo colocados como inferiores.

No livro “Com nozes e mel” (RENARD, S/A) os personagens principais da trama são brancos, porém, em uma página do livro aparece ilustrada uma personagem negra. A personagem aparece como em todos os personagens negros anteriores, sem fala, e como uma caixa de supermercado, onde está pegando o dinheiro de uma personagem branca, que na história é de uma classe social alta (Foto 30). Isso retrata muito como os negros são vistos por estes autores, inferiorizados. Lucas (1985) diz que:

A literatura brasileira desconhece um monólogo autêntico de uma personagem negra ou indígena. Tanto uma como outra compõem a paisagem ou o cenário como uma árvore, um rio, uma casa ou uma ferramenta: não fazem parte da essência do escritor, não habitam sua paixão. A técnica da classe dominante sempre foi o jogo de esconder o fundamental debaixo de camadas múltiplas de aparência. (1985, p.34)

Foto 30 – Com nozes e mel

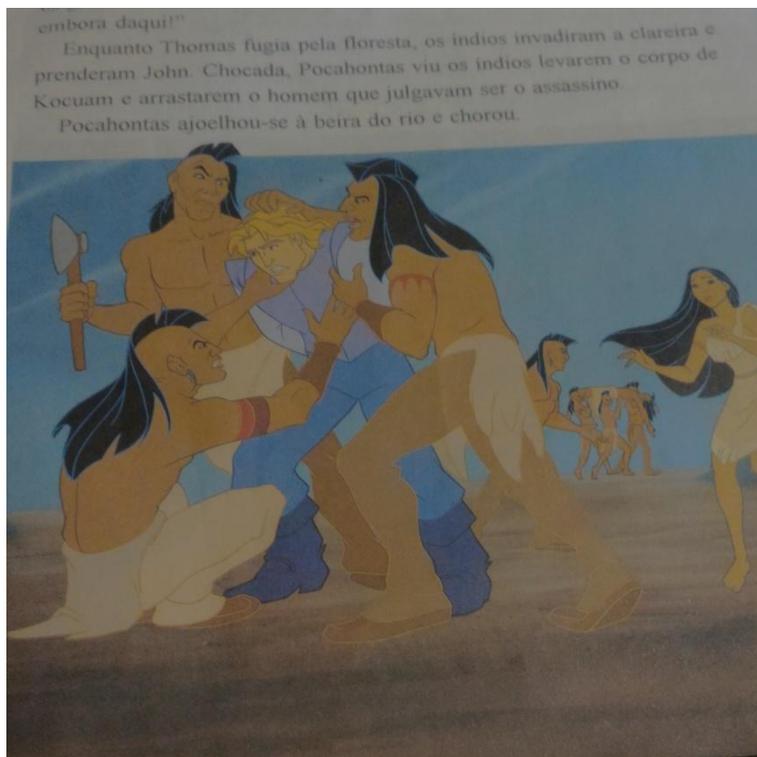


Fonte: Putrique (2017)

Os personagens indígenas estão em menor número nos livros analisados, presentes em 5,7 dos personagens principais. O livro “Pocahontas” (autoria não apresentada, S/A) traz como personagem principal a mulher

indígena que na história quebra muitos estereótipos no que diz respeito a figura feminina, pois luta pelo seu povo e é vista como uma guerreira. (Foto 31)

Foto 31 – Pocahontas



Fonte: Putrique (2017)

Quando esta mesma história é vista do ponto étnico-racial, podem-se perceber características que estão presentes em algumas das histórias sobre o povo indígena, como um povo que só luta por terras e de uma maneira selvagem. Bonin (2012, p. 39) afirma que “as narrativas atuais vão constituindo cenários e personagens variados que ora referendam, ora contestam certas imagens que estão naturalizadas em nossos repertórios representacionais”.

Deste modo podemos entender que as literaturas disponíveis na biblioteca do CEI não colocam o negro e indígena como personagens principais, com voz e que dão sentido para o enredo do livro. Quando estes personagens aparecem são colocados em papéis inferiores aos personagens brancos, até mesmo na história “Pocahontas” onde os personagens principais são indígenas, o homem branco é o civilizado no enredo.

## I. Branquitude na literatura infantil

Historicamente, inclusive através de teses científicas, algumas pessoas afirmam a superioridade racial do branco em relação aos outros povos, assim “entende-se que a construção ideológica do branco europeu como modelo universal de humanidade desencadeou uma série de discriminações em relação aos não-europeus” (BARBOSA, 2014, p. 60).

Até os dias atuais a discriminação é presente entre os povos, o que acaba sendo refletido através de filmes, novelas, revistas, e também dos livros de literatura infantil, por meio das representações de seus personagens:

A representação do branco como padrão universal de humanidade: a branquitude – garante-lhe um lugar simbólico e confortável na sociedade. O negro, em contraposição, é reduzido a uma coletividade sobre a qual se faz relação de traços fenotípicos com estereótipos sociais e morais, culminando no racismo. (BARBOSA, 2014, p.65)

Dos livros analisados alguns chamaram a atenção devido as personagens brancas, loiras, bondosas e dóceis. No livro “Pinóquio” (DEMARCHI, S/A) a fada que aparece para ajudar Pinóquio está ilustrada com pele e cabelos claros. (Foto 32)

Foto 32 - Pinóquio



Fonte: Putrique (2017)

Outro livro que mostra uma personagem com pele e cabelos claros é “A borboleta azul” (HECK, 2006). Apesar da personagem principal ser uma

borboleta suas características são humanas, o que a torna borboleta é apenas sua asa azul (Foto 33). Além destes o livro “Boas maneiras: Desculpe-me” (MARQUES; CHICONATO, S/A) traz como personagem principal um menino, branco, com cabelos claros. (Foto 34)

Foto 33 – A borboleta azul



Fonte: Putrique (2017)

Foto 34 – Boas maneiras – Desculpe-me



Fonte: Putrique (2017)

Barbosa (2014) aponta como um personagem branco europeu é visto como modelo de personagem:

A ausência de afrodescendentes e indígenas na televisão, como também as personagens estereotipadas, principalmente nas telenovelas, denuncia e reforça a tese de que o homem branco europeu continua sendo a referência de modelo humano, ou seja, continuam gozando dos privilégios da branquitude (BARBOSA, 2014 p. 69)

Apesar da autora colocar a telenovela como um espaço onde acontece estes privilégios, na literatura infantil também é possível ver a ausência de negros e indígenas, e a presença frequente em grande parte dos livros dos personagens brancos, que pertencem a uma classe econômica alta e tem “comportamentos adequados”, enquanto os personagens negros ou indígenas aparecem submissos e estereotipados.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos livros de literatura infantil foi possível perceber como as desigualdades de gênero e étnico-raciais estão presentes nestes livros, fazendo com que estas desigualdades estejam presentes na rotina das crianças que têm acesso à biblioteca do CEI.

Foi possível perceber que os autores e ilustradores em grande parte dos livros analisados aparecem poucas vezes, não colocando suas visões políticas e sociais, entretanto estas visões podem ser entendidas através dos seus enredos e ilustrações.

Os personagens representados nos livros analisados, em sua grande maioria, são ilustrados de maneira estereotipada, onde as personagens femininas aparecem como figuras bondosas, dóceis e os personagens masculinos como bravos e corajosos. Apesar disso, alguns livros também procuram trazer desconstruções, como o livro “Nova mãe”, “Uxa ora fada, ora bruxa”, colocando estas personagens na história de uma forma diferente, como uma madrasta que está fora do estereótipo de má, ou uma mulher que não precisa se sentir feliz apenas casando, vestindo vestidos, etc.

Com os personagens negros e indígenas foi possível concluir que estes aparecem em um número menor nos livros, e quando estão presentes são representados por estereótipos, não tendo voz ativa nos livros, sem diálogos. Alguns personagens principais negros e indígenas estão colocados no livro como aqueles que precisam de ajuda e não conseguem resolver a trama. Além disso, foi possível perceber como personagens de pele e cabelos claros estão colocados nos livros como sinônimos de bondade, beleza e magia, aparecendo para solucionar a trama.

Pode-se concluir que os livros de literatura infantil disponibilizados no CEI, trazem as questões de gênero e étnico-raciais através de seus enredos e ilustrações, porém de maneira indireta, onde muitas vezes os preconceitos e estereótipos presentes nestes livros são velados.

## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983

ARAÚJO, Débora Cristina. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. Dissertação de Mestrado – Setor Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros**. Revista África e Africanidades – Ano I – n.3 – Nov. 2008.

ARGÜELLO, Zandra Elisa. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Dissertação de Mestrado – Setor de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

AZEVEDO, Tâmara; RABINOVICH, Eliane Pedreira. **Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Psicologia USP, São Paulo, 2012, 23(1), 211-231.

BARBOSA, Luciene Cecilia. **Identidade, estigmas e branquitude: reflexões sobre a mídia brasileira**. Revista Interação, ano IX, n.1, 1º semestre de 2014

BONIN, Iara Tatiana. **Literatura infantil de autoria indígena: diálogos, mesclas, deslocamentos**. Currículo sem fronteiras, v. 12, n.1, pp. 36-52, Jan/Abr 2012

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação racial na escola. In: LIMA, J. C; ROMÃO, J. e SILVERA, S.M. (orgs.). **Os negros e a Escola brasileira**. Florianópolis: NEN, n. 6, 1999, p. 49-80. (Serie Pensamento Negro em Educação)

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**. Revista Práticas de Linguagem. v. 3, n. 2, jul. / dez. 2013.

FRANÇA, Luis Fernando. **Personagens negras na literatura infantil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo**. Dissertação de Mestrado – Setor Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2006

FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M. Laura V. C; HEILBORN, Maria Luiza. **Antropologia e feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher**. V. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1981

FRANZONI, Gleidsmara Cardozo. **O feminismo e a construção do conceito de gênero**. Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher. Universidade Federal da Bahia.

GOUVÊA, M. C. Soares. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade.** Estudos de gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.

JÚNIOR, Francisco C. F. S. **Sobre o conceito de representação: etnicidade e análise histórica das imagens cinematográficas.** Anais do 3º. Seminário Nacional de História Da Historiografia: aprender com a História? Ouro Preto: Eudufop, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitoras & Leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1997.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção do Brasil.** Editora Ática, 1985.

MASSOLA, Gisele; WORTMANN, Maria Lúcia C. **Gênero na literatura infantil: uma análise de obras com protagonistas animais.** Textura, v.17 n.35, set./dez., 2015.

MATTAR, Regina Ribeiro. **Os contos de fadas e suas implicações na infância.** Dissertação – Faculdade de Ciências da UNESP, Campus de Bauru, Bauru, 2007.

NEULS, Janaina Souza; VIDAL, Fernanda Fornari. **Contos de fadas modernos: ensinando modos de ser homem e mulher.** Questões de gênero na literatura e na produção cultural para crianças. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no Cemei Carmem Montes Paixão. Curso de especialização “Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos.** UFRRJ. Mesquita, 2009

PERES, F. C; MARINHEIRO, E. L; MOURA, S. M. **A literatura infantil na formação da identidade da criança.** Revista eletrônica pró-docência. UEL. Edição Nº. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>

PIRES, S. M. F. **Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero.** Educar, Curitiba, n. 35, p.81-94, 2009. Editora UFPR

\_\_\_\_\_. **Problematizando a literatura infantil: uma questão de gênero?** VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL. Santa Catarina, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologias.** Global Editora, 1985

SILVEIRA, Rosa Marira Hessel. **Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida: representações da professora na literatura infantil.** Educação e realidade, p. 147- 161. jul/dez 1997.

VIDAL, Fernanda Fornari. **Os “Novos Contos de Fadas” Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade.** Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. UFRGS, Florianópolis, 2008

## 8. ANEXOS

### Anexo I

1. Título					
2. Ano de publicação					
3. Se não for brasileiro; país de origem:					
4. Editora					
5. Autor/a					
6. Ilustrador/a					
7. Há identificação étnico-racial ou política de quem escreve e/ou ilustra ( ) não ( ) sim. Como (foto / declaração escrita) _____					
8. Personagem principal (NOME) _____					
	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>
Traço marcante _____					
9. Primeiro coadjuvante (NOME) _____					
	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>

Traço marcante _____					
10. Segundo coadjuvante (NOME) _____					
	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>
Traço marcante _____					
11. Terceiro coadjuvante (NOME) _____					
	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>
Traço marcante _____					
12. Vilão (NOME) _____					
	Gênero	Cor ou raça	Classe	Enredo	Estereótipo
Humano	Masculino	Branca	Pobre	Tem dificuldades	Reforça estereótipos
Animal	Feminino	Negra	Classe média/ Rico	Supera seus medos	Problematiza estereótipos
Outro	Outro	Indígena	Não identificável	Resolve a trama	Contesta estereótipos
		Outro	Outro	É alvo de riso	<b>Como**</b>
Traço marcante _____					

13. Há outros personagens no livro (indicar por exemplo se aparece a mãe)
14. Quantas personagens femininas estão presentes no livro  <input type="checkbox"/> 0 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3-5 <input type="checkbox"/> 6-8 <input type="checkbox"/> 9 ou mais
15. Como as personagens femininas estão representadas no livro
16. As personagens femininas conversam uma com a outra ao longo do livro
17. Os personagens do livro apresentam relações amorosas  <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim. Descrever casal _____
18. O “Feliz para sempre” é representado no livro  <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
19. De que maneira esta representado
20. Resumo da trama em 2 linhas  _____  _____
21. Há presença de  <input type="checkbox"/> Magia <input type="checkbox"/> Seres fabulosos <input type="checkbox"/> Seres assustadores
22. Análise das ilustrações (fazer foto das imagens que reforcem ou questionem estereótipos)  _____
23. Qual a intencionalidade de aprendizado do livro

**Anexo II: Fontes (livros analisados)**

ABEELE, Véronique Van den. **Vovó tem alza... o quê?** Editora FTD. Bélgica, 2007

ALEXANDRINO, Helena. **O caminho do caracol.** Studio Nobel. Brasil, 1998

ALMEIDA, Fernanda Lopes. **A curiosidade premiada.** Editora Ática. Brasil, 2008

BROWNE, Paula. **A bagunça da macaca.** Editora Callis. Brasil, 2003

BROWNE, Paula. **O aniversário da macaca.** Editora Callis. Brasil, 2003

BUCHWEITZ, Donaldo. **A ovelha rosa da dona rosa.** Editora Ciranda Cultural. Indonésia, 2009

BUCHWEITZ, Donaldo. **Livro dos medos.** Ciranda Cultural. 2010

CÂMARA, Sergi. **Com perigo não se brinca.** Escala Educacional. Espanha, 2003

DEMARCHI, Honorino Angelo. **Pinóquio.** Edelbra. S/A

DEPAOLA, Tomie. **Carlinhos precisa de uma capa.** A&A&A – Equilibrio. Estados Unidos, 1998

DUGNANI, Patricio. **O seu lugar.** Editora Paulinas. Brasil, 2013

FINZETTO, Ângela. **Quem é o Negrinho do pastoreio.** Editora BrasiLeitura. Brasil, S/A

FREITAS, Valéria. **Histórias da bíblia: Maria.** Vale das Letras. S/A

GREEN, Jen. **Por que economizar água?** Editora Scipione. Estados Unidos, 2004

HECK, Lenida Almeida. **A borboleta azul.** Editora Univates. Brasil, 2006

HERRERA, Laura. **Dorme, menino, dorme.** Editora Matriz, Chile, 2015

JUNQUEIRA, Sonia. **O macaco e a mola.** Editora Ática. Brasil, 1991

MACHADO, Ana Maria. **O barbeiro e o coronel.** Editora FTD. Brasil, 2003

MALHEIROS, Eglê. **Desça, menino!** Edições criar. Brasil, 1984

MARQUES, Cristina; CHICONATO, Cida. **Boas maneiras – Desculpa-me.** BrasiLeitura. Brasil, S/A

- MARQUES, Cristina; CHICONATO, Cida. **Boas maneiras – Por Favor**. BrasiLeitura. Brasil, S/A
- MARQUES, Cristina. **Clássicos da Bíblia: Rute**. BrasiLeitura. Brasil, S/A
- MARQUES, Cristina. **Clássicos da bíblia: Salomão**. Editora BrasiLeitura. Brasil, S/A
- MELLO, Daniela. **O corajoso tubarão**. Tribos editora. Brasil, 2008
- ORTHOFF, Sylvia. **Uxa ora fada, ora bruxa**. Editora Nova Fronteira. Brasil, 1985
- PARR, Todd. **O livro dos sentimentos**. Panda books. Estados Unidos, 2006
- PENNART, Geoffroy. **O lobo voltou**. Editora Brinque-Book. França, 1951
- PENTEADO, Maria Heloísa. **A guardadora de gansos**. Editora Ática. Alemanha, 1993
- PEREIRA, Robinson. **A invenção do palito de fósforo**. Tribos Editora. Brasil, 2008
- PÉRIGNY, Aline. **Camila vai ao médico**. Editora Larousse Júnior. França, 2003
- PERROTI, Denise Caccese. **O que é o que é?** Editora Paulus. Brasil, 1982
- RENARD, Daniel. **Com nozes e mel**. SEED Editorial. Brasil, S/A
- RITCHIE, Alison. **Eu e o meu papai!** Ciranda Cultural. Reino Unido, 2007
- ROCHA, Ruth. **O piquenique do catapimba**. Editora FTD. Brasil 1992
- Sem autoria. **A pequena sereia**. Ciranda Cultural. S/A
- Sem autoria. **Histórias Bíblicas: A Criação**. Ciranda Cultural, S/A
- Sem autoria. **Pocahontas**. Editora Abril. S/A
- SHARAFEDDINE, Fatima. **Há guerra em minha cidade**. Editora FTD, Bélgica, 2009
- SOBRAL, Fátima. **Quando crescer quero ser... Engenheira**. Editora Impala. Brasil, 2003
- WRIGHT, Betty Ren. **Minha nova mãe**. Editora Ática. Estados Unidos, 1981

